

Metáfora da existência-pássaro

Por Ivana Moura¹

Ser cigana/o/e, segundo a especialista Cristina da Costa Pereira, é pertencer a uma etnia milenar surgida em solo hindu, atual Paquistão, que começou a se espalhar pelo mundo por volta do ano 1.000 a.C. A autora do livro *Os ciganos ainda estão na estrada* observa que ninguém se “converte” e vira cigana/o/e. Se nasce cigana/o/e. E foi justamente a ancestralidade cigana que moveu a atriz Ana Cristina Freitas a iniciar um aprofundamento nessa história que resultou no espetáculo *A Caravana dos Pássaros Errantes*, do Grupo Nômade, de São José dos Campos.

Existem muitas apreciações errôneas dos gadjô (não ciganas/os/es) a respeito dessa comunidade. Predomina ao longo do tempo sentimentos como desconfiança, indiferença e intolerância. Fui buscar outros significados da palavra cigana. O dicionário de sinônimos registra que muitas expressões são pejorativas como nômade, errante, vagabundo, desregrado, espertalhão, burlador, ladino.

É, minhas amigas e meus amigos! A trajetória dos zíngaros nunca foi fácil em contato com outras populações. Hostilizadas/os ou temidas/os, seguiram celebrando a vida, alimentados e alimentando os territórios pela arte, principalmente pela música e pela dança.

O Grupo Nômade envereda pelo universo cigano. E encontra no episódio de perseguição e massacre de cerca de 200 ciganos no antigo povoado Retiro da Boa Esperança, atual Esperantina, município do estado do Piauí, no Nordeste brasileiro, em novembro de 1913, uma das inspirações do espetáculo de rua *A Caravana Dos*

¹ Jornalista, crítica de teatro, escritora, artista e produtora cultural. Idealizadora e editora do Satisfeita, Yolanda? (www.satisfeitayolanda.com.br), site de crítica teatral e áreas afins, que funciona desde 2011. Mestra em Letras / Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2005). Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP.

Pássaros Errantes. A trupe nasceu em 2014 justamente com a investigação do universo Romá (Cigano).

A montagem foi apresentada no final da tarde de 4 de setembro, ao ar livre, no Bambuzal CET, no dia mais frio desta temporada do 36º Festival.

A peça começa com a companhia teatral anunciando: “Estamos aqui para celebrar a vida e também a morte, porque tudo o que é vivo morre, e porque não poderia ser o contrário tudo o que morre ainda vive!”.

Em cima de uma carroça, a atriz, o ator e os músicos iniciam a jornada narrando o trajeto de um grupo (de ciganas/os), que vivia livre, seguia em caravana, parava em acampamentos. Ao apresentar a cultura, a arte, os costumes da gente cigana, a trupe cênica – formada pela atriz Ana Cristina Freitas, pelo ator Jonas di Paula e pelos músicos Carlos Medeiros (violino) e Guilherme Padilha (sanfona) –, cria potentes texturas sonoras, expõe embates sociais da comunidade, explora paradoxos.

Tudo isso na linguagem do teatro popular, tendo a rua como espaço de representação, em diálogo com a identidade cultural, oferecendo recortes de perseguições e enfrentamentos desse povo, acionando o pensamento crítico ao expor as diferenças culturais e valorizando a memória. A comicidade atravessa a cena carregada de pontuações sociais.

A dramaturgia ficcional parte do episódio e cria várias analogias de acoissamentos contra as minorias, mortes motivadas pelo preconceito e discriminação.

O espírito de coletividade está investido de ativismo político. Joram demandas de reconhecimento no contexto das diferenças culturais. A peça atua no espaço representativo da diversidade cultural e identitária. Clama pela coexistência de vozes.

A encenação desenha travessias. O quarteto traça movimentos do macro – as questões sociais dos ciganos – ao micro do encontro amoroso de um casal, que

seria a ficcionalização do percurso da bisavó da atriz. Ana Cristina Freitas evidencia a energia da mulher cigana, uma luta dentro da luta no contexto patriarcal, marcado pela opressão masculina e pela contradição.

Um dos trunfos de *A Caravana dos Pássaros Errantes* é a trilha sonora tocada ao vivo e que inclui canções ciganas de várias procedências. Essa musicalidade traça os zigue-zagues no tempo dessa narrativa, opera cortes e confere a equalização interpretativa, com dosagens de humor ou momentos de gravidade. Ana Cristina e Jonas também tocam instrumentos e os músicos atuam na representação.

A equipe de intérpretes e o encenador Atul Trivedi trabalham essas identidades diaspóricas que enfrentam a marginalização em algumas camadas – da estatal ao cotidiano –, exaltam as heranças culturais, com destaque para os códigos linguísticos adotados na peça. O espetáculo dedica-se aos embates, às dobras, ao paradoxo que essa comunidade ocupa no imaginário, com lugar especial para a ideia de liberdade e misticismo.

A dramaturgia tem assinatura de Jonas Di Paula com orientação de Luís Alberto de Abreu. Os figurinos, cenário, adereços, maquiagem, são da conta de Ana Cristina Freitas e Jonas di Paula. O elenco se veste da tradição e suas roupas coloridas aparecem como materialização da luta dos antepassados. Ela/eles são o que vestem e isso está carregado de história.

As investigações de Ana e Jonas sobre a tradição cigana – atitudes das personagens, figurinos e referencial teórico – foram conduzidas pela professora e pesquisadora Cristina da Costa Pereira. As personagens agregam as cizardas na música e na dança e o romani e cruzamentos com outras línguas nos diálogos.

A transformação dos ciganos em pássaros, em revoadas, é uma metáfora suscitada nesta encenação, que demanda do público atitudes de responsabilidade individual e coletiva pelo respeito e valorização das alteridades.

Enquanto as artistas fazem seus papéis de combater o colonialismo e as investidas de subjugação cultural, ela/es nos convocam – nós que apostamos na

desconstrução das estruturas opressoras – a estarmos atentos para não aceitar – e muito menos reproduzir – a narrativa única ou ajoelhar diante da ótica dominante.

Parece-me legítimo e pertinente a aproximação reflexiva feita por uma espectadora após a apresentação. Do massacre da caravana cigana em 1913 com a trágica desocupação do Pinheirinho em São José dos Campos em 2012 e ação neste ano no território do Banhado, também em SJC. O traço comum entre elas: são ações truculentas da polícia a mando dos poderosos locais de cada época. Além de teor de crueldade e sempre a violação dos direitos humanos.